

# A GUERRILHA BRANCALEONE



CLAUDIO WEYNE GUTIERREZ

# A GUERRILHA BRANCALEONE



*Editora Sulina*

Copyright © Claudio Weyne Gutierrez, 2022.

## **CAPA E PROJETO GRÁFICO**

Cintia Belloc

## **REVISÃO**

Simone Ceré

## **EDITOR**

Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

---

G984g Gutierrez, Claudio Weyne  
A guerrilha brancaleone / Claudio Weyne Gutierrez. –  
Porto Alegre: Sulina, 2022.  
152 p.; 14x21cm.

ISBN: 978-65-5759-066-9

1. História do Brasil. 2. Ditadura Militar. 3. Biografia. 4.  
Movimento Estudantil – Resistência. 5. Rio Grande do Sul  
– Ditadura Militar. I. Título.

CDU: 929

981

CDD: 981

---

Todos os direitos desta edição reservados à

**EDITORA MERIDIONAL LTDA.**

Rua Leopoldo Bier, 644 – 4º andar

CEP: 90620-100 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3110-9801

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Maio/2022

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

Dedico este breve depoimento às novas gerações,  
particularmente aos meus filhos: Claudio Tito,  
Nicolas Pedro, Carolina, Letícia e Priscilla.

A Luiz Eurico Tejera Lisbôa.  
Ao recordá-lo, homenageio os milhares de mortos e  
desaparecidos vítimas das ditaduras do Cone Sul.

*In memoriam*

Horácio Goulart, Paulo Roberto Telles Franck e  
Marcos Faerman, com os quais, em diferentes  
momentos, compartilhei sonhos e bares.



9	Prefácio <i>Enrique Serra Padrós</i>
23	Do bairro Bom Fim à Noruega
33	Do ano do rato ao Golpe Militar
45	1967 – A revolta do Julinho
57	Da base do Julinho à Dissidência
77	Formando o Exército Brancaleone
87	1968 – O povo armado derruba a ditadura
103	A crise foquista e as fronteiras do Sul
117	América Brancaleone
139	Da Noruega ao Bom Fim
145	Mais além de Nor-Shipping





## Prefácio

*Enrique Serra Padrós*<sup>1</sup>

Conheci Claudio Gutierrez, “Guta”, em 1998, em uma atividade que a gente desenvolveu no Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e cuja temática central eram os acontecimentos de 1968. Desta mesma atividade participou também o companheiro José Loguércio e lembro de falas muito marcantes impactando os jovens estudantes que acompanhavam o painel daquela noite, em um momento em que ainda pouco sabíamos, estudávamos ou conhecíamos sobre muitos dos acontecimentos ocorridos durante a ditadura de segurança nacional em território brasileiro. A explanação dos convidados foi riquíssima, não só quanto a uma avaliação conjuntural nacional, quanto a muitas informações que se referiam ao Rio Grande do Sul, particularmente a Porto Alegre, como quanto à juventude

---

1. Este prefácio foi o último texto produzido pelo professor de História da UFRGS Enrique Serra Padrós, falecido em dezembro de 2021. Mesmo enfrentando as dificuldades de uma internação, Enrique fez questão de concluir o trabalho, contando com o auxílio da sua orientanda Leticia Wickert Fernandes e da professora Patrícia da Costa Machado, que transcreveram os áudios gravados e revisaram o texto deixado por ele.

da época, à política estudantil, ao dia a dia dos embates entre o poder repressivo e os setores que procuravam manifestar seu descontentamento político e social.

Aquela atividade foi mediada por um amigo do Guta, Luís Eduardo Hall, meu aluno na época. Uma das grandes qualidades do relato de Claudio Gutierrez é que ele permite apreender e visualizar o que eram os labirintos do Cone Sul, labirintos esses que Gutierrez atravessou como itinerários da sua própria trajetória dentro de uma cartografia que se iniciava em Porto Alegre, se estendendo pelo Rio Grande do Sul e por algumas regiões do Brasil, que o levaram posteriormente a circular por países de realidades aparentemente diferentes, como o Uruguai, a Bolívia e o Chile, todos marcados por situações de extrema tensão social e que, de certa maneira, mostravam uma realidade comum, latino-americana e terceiro-mundista, num contexto muito específico das relações imperialistas que se estabeleciam na região, particularmente dos Estados Unidos com o resto do continente americano, onde mazelas sociais, como a terrível desigualdade social, eram acompanhadas de ativa militância e luta social em defesa dos direitos que vinham sendo negados. Por outro lado, a hegemonia do capital internacional e da burguesia nacional associada tentava encaminhar um novo projeto de dependência econômica de acordo com as novas necessidades do capital. Um fato fundamental se atravessou como um relâmpago, abalando esse pano de fundo: a Revolução Cubana, seus desdobramentos imediatos e o impacto produzido em toda a região em tempos de Guerra Fria.

A obra de Gutierrez também tem uma marca muito própria, que foi muito marcante para os leitores que se debruçaram sobre ela no momento do seu lançamento e que se iluminava pelas informações que ele trazia de uma geografia urbana reconhecida por muitos: a cidade de Porto Alegre; dentro de âmbitos geográficos,

ocorriam as interações juvenis, portanto o movimento estudantil secundarista e universitário; por outro lado, também os locais de boemia, alvo de convivência desses mesmos jovens estudantes com as suas inquietudes de interação social, intercâmbio cultural e de vivência da própria existência. Nas suas páginas, encontramos referências ao grande entorno formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul: a Redenção, os bairros Cidade Baixa e Bom Fim e também os *points* da época, como o bar “Fedor”, o Clube de Cultura, o Cine Baltimore, o Colégio Estadual Júlio de Castilhos (o “Julinho”), o Instituto de Educação, etc. O bairro Centro concentrava o local onde estavam instaladas boa parte das estruturas governamentais coercitivas que faziam parte ou que complementavam esse cenário cotidiano de resistência, luta e opressão.

Os itinerários de Claudio Gutierrez através dos labirintos do Cone Sul, atravessando fronteiras perigosas sem documentos, às vezes sem contato, sabendo do que lhe esperava se fosse clandestinamente detectado e entregue às autoridades da ditadura brasileira, se confundem com o nebuloso cenário pré-Operação Condor. Esta começa a ter vida efetiva no final de 1975, em termos formais, mas parte das suas estruturas de colaboração internacional de governos próximos quanto a questões ideológicas, percepções do inimigo interno e conexões já existentes no nível das Forças Armadas (costuradas, direta ou indiretamente, pelos ensinamentos da Escola das Américas). Claudio Gutierrez descobriu na prática a existência dessa estrutura repressiva que, posteriormente, se tornaria parte vital do Terrorismo de Estado e parte constitutiva desse grande operativo de destruição política, humana e psicológica que assolou todo o Cone Sul.

As páginas em que relata essa experiência nesse mergulho direto “no olho do furacão”, e estratégia para burlar a situação,

estão entre as mais dramáticas da obra. Decidido a não permanecer no Rio Grande do Sul, pois era alvo perceptível dos organismos de inteligência e de informação, Guta optou por deslocar-se até o Uruguai, avaliando que a condição de filho de cidadão uruguaio poderia facilitar o direito de asilo e possibilitar o encontro de um refúgio temporário, onde pudesse rever, repensar e rearticular-se com outros companheiros.

O Uruguai, desde a Segunda Guerra Mundial, era considerado um país de acolhida de exilados; lá estavam exilados paraguaios, os da República Espanhola, muitos judeus perseguidos no período pré e durante a Segunda Guerra, também bolivianos e, entre tantos outros, boa parte daquilo que havia sido o núcleo dirigente do governo João Goulart e brasileiros pertencentes a outras organizações políticas, que haviam encontrado, em território uruguaio, uma espécie de santuário onde podiam sentir certas liberdades que no Brasil lhes eram totalmente proibidas. Gutierrez imaginava reencontrar e somar-se, desde o exterior, à resistência contra a ditadura brasileira.

Contudo, no Uruguai do presidente Jorge Pacheco Areco, o intercâmbio de informações sobre “subversivos”, sobretudo através da embaixada brasileira no país, era uma intensa e temível plataforma de espionagem e intervenção direta e indireta em território uruguaio, através de pressões diplomáticas, políticas, econômicas e até militares, particularmente com a pretensão de ter o controle sobre a mobilidade e a perda de liberdade, portanto em posição de restrições à liberdade da comunidade brasileira que ainda permanecia no Uruguai no final dos anos 1960. Isso era um processo que havia se iniciado anos antes com a atuação e havia sido criado sob a iniciativa do embaixador Manoel Pio Corrêa, que posteriormente criou, enquanto Ministro de Relações Exteriores, o nefasto Centro de Informações do Exterior (CIEEX),

baseado na experiência da sua gestão no Uruguai, visando ao controle, ao cerceamento de movimentos e até à repressão direta contra o exílio brasileiro organizado.

Portanto, além de perseguido político, Gutierrez conviveu com o exílio, sofrendo aquelas dificuldades que são relatadas por milhares de brasileiros quando falam desse período tão duro, muitas vezes ignorado pela sociedade brasileira, que acaba mensurando outras formas repressivas como mais “duras” do que a experiência exilar. Mesmo sabendo que o exílio é composto de experiências muito variáveis, e até individuais, ser obrigado a ficar fora diante da incerteza total de sobrevivência no país de origem acaba trazendo situações de distanciamento geográfico, afetivo e profissional, muitas delas insuperáveis, formadoras de sujeitos híbridos no mundo, com enorme dificuldade de reencontrar a si mesmos, com perda de valores e referenciais identitários essenciais.

O relato de Gutierrez é muito generoso ao reconhecer dezenas de protagonistas dessa particular história, e também aloca a centralidade de uma instituição que marca a história do Rio Grande do Sul, particularmente de Porto Alegre, durante a ditadura: o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, carinhosamente chamado de “Julinho”. Desde a década de 1950, mas sobretudo a partir dos anos 1960, foi o epicentro de inúmeras ações, atividades, manifestações culturais e políticas, irradiando-se por muitos bairros de Porto Alegre. A atuação do seu Grêmio Estudantil, de seus docentes e funcionários conformou gerações de estudantes politizados. Parte da comunidade Juliana, diante do tacão da ditadura, sempre teve um ativismo político gremial muito forte, sendo liderança e referência para a atuação de outras escolas. Assim, não surpreende que muitos atos contra a ditadura nos anos 1960 tenham tido com ponto de partida a Praça Piratini, em frente ao Julinho, espaço público de concentrações estudantis e

manifestações que percorriam itinerários variados, que quase invariavelmente confluíam para o centro da cidade, onde estavam os símbolos do poder instituído pela ditadura, apresentando suas denúncias, descontentamentos e buscando também angariar simpatia dos cidadãos porto-alegrenses.

O grêmio de estudantes do Julinho foi um centro muito ativo nesse sentido, e Gutierrez o apresenta como espaço de disputa interna, demonstrando a vitalidade do movimento estudantil e como os estudantes e setores, nem sempre majoritários, conseguiam incomodar as autoridades e funcionários da ditadura, inclusive aqueles presentes dentro da própria escola. Obviamente que a política estudantil não ficava restrita ao grêmio do Julinho, mas sua influência extrapolava a outros organismos de alcance porto-alegrense ou sul-rio-grandense, com várias pontes vinculadas também à própria UNE. A riqueza do resgate que *A Guerrilha Brancaleone* faz desse movimento é, inegavelmente, um dos seus grandes aportes e foi ponto de partida de diversos estudos, dissertações de mestrado e pesquisas centradas no movimento estudantil gaúcho como elemento central na luta contra a ditadura e na resistência, apesar dos 21 anos de Terrorismo de Estado no país e no estado.

Há, no relato de Claudio Gutierrez, também a dissecação daquilo que foram as disputas internas nas organizações de esquerda, tanto político-partidárias quanto estudantis, a partir do momento em que a ditadura se consolida. Fica claro o descontentamento de uma série de jovens diante das posturas rígidas e consideradas insuficientes de estruturas partidárias antigas e anteriores que apostavam em estratégias de longo prazo, que não conseguiam cativar parte das novas gerações, as quais percebiam, talvez muito marcadas pelo impacto cubano, a necessidade de tomar iniciativas mais imediatas e de assumir o protagonismo dos acontecimentos. É a partir desse tipo de configuração que se verificam as disputas

internas dentro do Partido Comunista Brasileiro, o “Partidão”, e a formação de dissidências como fenômeno nacional. Aqui está a origem da conformação de um grupo que terá pretensão de assumir o protagonismo dentro de uma certa lógica de luta armada, com evidências de muita inexperiência e amadorismo, mas que, por outro lado, mostrava o idealismo, a ousadia e a determinação desses jovens no sentido de marcar, com a sua participação, uma luta que percebiam que estava acontecendo em outras regiões do país, da América Latina e do Terceiro Mundo, e da qual pretendiam fazer parte diretamente. O nome da Guerrilha Brancalene, alusão a um filme de muito sucesso da década de 1960, do diretor italiano Mario Monicelli, acabou sendo um mote que derivou com uma espécie de crítica ou deboche diante do que foi entendido como algo ingênuo ou quixotesco, até pelo insucesso de boa parte das ações realizadas. De qualquer maneira, eles fazem parte da história da resistência, da dignidade desta cidade e da tentativa de articular e fortalecer vínculos com outras organizações políticas do interior e de fora do estado, a fim de constituir alianças mais fortes.

O relato de Gutierrez também possui uma característica que é comum a outras obras memorialísticas sobre o período, ou seja, a abordagem de temas e elementos muito dramáticos, até pelos desdobramentos e resultados, como as perdas irreparáveis de amigos, companheiros e companheiras, marcas das prisões e torturas, situações de muita dor em relação aos vínculos familiares, à clandestinidade, etc. Uma estratégia narrativa que auxiliou autores como Guta a pôr no papel as suas memórias foi o uso do humor e da ironia, que, além de tornar mais fluidas certas reflexões, coloca o reconhecimento das próprias limitações e funciona também com uma autocrítica, o que contribui para matizar as passagens marcadas pela dor e pelo trauma.